



DESAFIOS PERFORMÁTICOS E PARADOXAIS DA JUVENILIZAÇÃO: (DES) CONSTRUINDO IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS ATRAVÉS DAS IMAGENS DE MODA

Daniela Novelli ¹

O presente artigo pretende contribuir para uma reflexão sobre as múltiplas construções discursivas agenciadas por imagens de moda na contemporaneidade. Neste contexto, apesar de muitas destas imagens evidenciarem aspectos associados a uma lógica cultural unificadora e homogênea, outras passaram a retratar grandes tensões, incoerências e descontinuidades de nosso tempo, permeadas por identidades fragmentadas e heterogêneas do gênero e de sua inter-relação com outras categorias de análise (como sexualidade, classe, etnia/raça, geração).

Diante do fenômeno da globalização nas sociedades ocidentais, os diversos campos da esfera cultural passaram a ser analisados, principalmente a partir da segunda metade do século XX, não mais sob uma perspectiva exclusivamente linear, estável e progressiva. Ao mesmo tempo, os Estudos de Gênero têm exigido cada vez mais um saber teórico e empírico múltiplo e integrador, no que diz respeito a “pensar o gênero” como uma categoria de análise que desperta para uma nova consciência do conhecimento científico. Segundo Marlise Matos: “Trata-se, pois, de um profundo reordenamento (...) inclusive epistemológico, filosófico e científico na direção da proposta de uma ciência que possa estar embasada na perspectiva de um universal poroso, aberto, multicultural e contingente” (2008, p.346).

Procurando repensar as categorias do gênero na pós-modernidade, Judith Butler sugere que este “não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero” (2003, p.48). O gênero pode ser considerado como um meio discursivo e cultural, uma “superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (2003, p.25). Neutro no sentido de não estabelecido pré-discursivamente, mas de forma alguma passivo.

É justamente a partir dessa concepção que se propõe reconhecer a validade da adoção e da troca de identidades propostas pela moda contemporânea - e juvenilizada - para a emergência de novas configurações do gênero, mediadas por mensagens até mesmo contraditórias, em imagens que circulam em revistas especializadas. Assim, considerar que as identidades de gênero são performativamente constituídas, através de suas próprias expressões nos discursos, torna-se um

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Mestre em História do Tempo Presente e Especialista em Moda: Criação e Produção pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. E-mail: danovelli@gmail.com.



pressuposto bastante enriquecedor para compreender tanto as constituições das “inteligibilidades” dos gêneros quanto possíveis subversões de categorias e normas instituídas culturalmente.

Mas o que poderia constituir a possibilidade de inversão, subversão e mesmo deslocamentos efetivos de uma identidade construída? Tomando o fenômeno da “juvenilização”² como um novo *ethos* social produtor de sentidos, alguns aspectos associados às juventudes puderam ser detectados como importantes vetores deste *ethos*, presentes em anúncios publicitários analisados na revista ‘Vogue Brasil’ e veiculados entre 2000 e 2001³. Entre eles: ousadia, exposição do corpo, sensualidade sem preconceitos, despojamento autêntico, aventura, prazer emocional, contrastes extremos, diversão, mistério, fantasia, ironia, atitude, entre outros. Compreender o processo de juvenilização implica considerar que tais aspectos, impulsionados pela cultura midiática e visual, foram historicamente se deslocando e penetrando na vida cotidiana contemporânea, determinando estilos de vida e descaracterizando-se aos poucos da relação com as faixas etárias.

Nesse contexto, o corpo passou a ser a sede vital de significação e subjetivação, desempenhando um papel vital na produção publicitária por justamente representar um dos modelos mais desejados cultural e globalmente: o da beleza-magreza-juventude⁴. É possível reconhecer que a trajetória do corpo, ao longo da história da humanidade, esteve repleta de ambições e inúmeras tentativas de governá-lo e organizá-lo, conforme interesses científicos ou coletivos.

A espantosa sensação de autonomia sobre a manipulação e a representação do corpo na estética contemporânea acabou se tornando um dos maiores marcos da atualidade e tem sido objeto de inúmeras pesquisas, inclusive na área da comunicação. Para Denise Bernuzzi de Sant’Anna, trata-se de um sintoma que tem sua gênese nos últimos cinquenta anos, ou seja, em um passado muito recente:

Reconstruir o próprio corpo com a ajuda dos avanços tecnológicos e científicos – cosméticos, cirurgias, uso de próteses, ginástica, regimes etc – para ganhar mais saúde e juventude não deixa de ser uma promessa fascinante a diversas épocas da civilização, mas foi na atual que ela conseguiu conquistar um espaço inédito na mídia e uma banalização importante no cotidiano, tanto das grandes quanto das pequenas cidades. Tudo se passa como se, em nossos dias, as transformações do corpo estivessem mais na moda do que nunca, enquanto

² O termo *juvenilização* foi proposto pelo sociólogo Luís Antonio Groppo, para traduzir e expressar a juventude como uma categoria social determinante para a consagração/efetivação de mudanças ocorridas principalmente a partir da segunda metade do século XX, que acabaram contribuindo para uma nova lógica de consumo nas sociedades ocidentais. Edgar Morin considerou este processo como ‘juvenilidade’ (2005, p.153); Michel Maffesoli como ‘juvenismo ambiente’ (1995, p.133); Maria Stephanou como ‘descronologização da concepção de juventude’ (2007, p.14), entre outros filósofos e/ou sociólogos do século XX.

³ Novelli, Daniela. **Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000-2001)**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UDESC: Florianópolis, 2009. Área de Concentração: História do Tempo Presente.

⁴ Oliveira, Nucia Alexandra Silva de Oliveira. Representações da beleza feminina na imprensa: uma leitura a partir das páginas de O Cruzeiro, Cláudia e Nova (1960/1970). In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. **Gênero em discursos da mídia**. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005. p.200.



os limites do que é certo e errado, falso e verdadeiro, natural e artificial tivessem sido completamente relativizados. (SANT'ANNA, 2001, p. 18)

Novas representações do corpo (como *locus* privilegiado de transformações subjetivas, dinâmicas e imaginárias), novas concepções de juventude observadas no século XX (como um estado de espírito desvinculado da questão faixa-etária), além de novas lógicas sociais de compartilhamento coletivo, de aparência e de prazer estético (como algo que faz experimentar sentimentos, sensações e emoções), passaram a ser tratadas como importantes questões para uma investigação sobre as permanências e também articulações e possíveis rupturas identitárias e hierárquicas de gênero.

Segundo Carla Bassanezi Pinsky, o termo gênero passou a enriquecer estudos históricos, constituindo um modo de perceber e analisar relações sociais e significados. Esse amplo conceito aponta para se pensar as identidades de gênero como asseguradas, negociadas e mediadas não somente pelo sexo, mas também articuladas por implicações de geração, de classe, de etnia, entre outras. Ultrapassar o debate sobre gênero para além da constatação de uma hegemonia heterossexual e de questões relacionadas ao masculino e ao feminino tornou-se justamente um dos maiores desafios aos estudos de gênero.

Assim, possibilidades excluídas da inteligibilidade cultural, práticas perturbadoras, descontinuidades, incoerências, podem revelar-se matrizes subversivas de desordem do gênero, contribuindo para o afastamento da concepção do gênero como “interpretação cultural do sexo”, noção criticada por Judith Butler. Importantes pesquisadoras das inter-relações de gênero com outras categorias de análise demonstraram que tais identidades, no contexto da pós-modernidade, são construções heterogêneas, que podem ganhar vida e se dissolver dependendo das práticas e interesses concretos que as constituem histórica e socioculturalmente⁵.

Mara Rúbia Sant'Anna considera a possibilidade de se viver atualmente uma sociedade de moda, “na qual a aparência tem conotação significativa”⁶. Ultrapassando até mesmo a denominação de sociedade de consumo, suas considerações apontam para uma intensa transformação na vida social das sociedades ocidentais do século XX, promovida por alguns vetores, como: obsolescência do *novo*; domínio das imagens, signos e sinais; predomínio do espetáculo em detrimento da

⁵ Joan Scott, Linda Nicholson, Margareth Rago, Judith Butler, Mary Del Priore, Adriana Piscitelli, Carla Bassanezi Pinsky, Susana Funck, Rachel Soihet, Marlise Matos, Joana Maria Pedro, Cristina Scheibe Wolff, Claudia de Lima Costa, Tania Navarro-Swain, entre outras.

⁶ Sant'Anna, Mara Rúbia. Aparência e Poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970. Tese de Doutorado. Florianópolis: UDESC, 2005, p.10. A autora considera a sociedade atual como “de moda”, com sua superfície insegura, fluída, que escapa à imposição de definições fechadas.



produção; formulação de um novo sentido da tradição que, deslocada da experiência social, foi transformada em objeto de consumo.

Imaginárias ou concretas, as imagens podem ser consideradas ao mesmo tempo como “produtos e agentes” históricos, pois conforme salientou Jean Pirotte, elas se “alimentam umas das outras e se confortam: elas se servem das mesmas fontes, compõem nosso imaginário cultural e se unem para influenciar nossos comportamentos”⁷, mas também adquirem suas significações somente no interior do ‘sistema’ de cada uma delas, através de códigos retóricos culturalmente identificáveis, que podem retomar constantemente “os significados como os da riqueza ou da miséria, da dominação, do saber, do conhecimento, da nobreza, a grandeza ou a baixa moral, a virtude ou o vício” ou ainda compor, muitas vezes claramente, “os estereótipos visuais: o colonial, o funcional, a verdade ingênua ou a farsa; a ambição ávida por poder ou riqueza; o ditador brutal e limitado, a genial sabedoria da cabeça nas nuvens”⁸.

Outras recentes considerações de Carla Bassanezi contribuem para o entendimento da própria produção das imagens enquanto construções discursivas. Trata-se da preocupação empírica em relação aos estudos discursivos, ao trazer à tona questionamentos de Catherine Hall: “*nós realmente pensamos em nós mesmos como sujeitos inseridos em um campo discursivo? Não é também vital pensar sobre os modos pelos quais os indivíduos e grupos são capazes de desafiar significados e expandir o terreno?*”⁹

As respostas desta autora podem servir de alerta para a importância científica e social de uma pesquisa acadêmica na área dos estudos de gênero, na medida em que estas apontam para o estudo das representações dos sujeitos e as relações de gênero a partir de documentos ou fala de outros. O pesquisador pode então

(...) estudar essas mesmas fontes para detectar as atuações e performances dos atores históricos, submissas e/ou rebeldes aos limites sociais. Práticas, reinterpretações, tensões e conflitos presentes na vida dos sujeitos históricos emergem muitas vezes das entrelinhas e se revelam diante do olhar de um leitor mais atento (como, por exemplo, atitudes de “moças mal comportadas”, “esposas infelizes, mulheres “rebeldes”, “conflitos de geração”, resistências variadas e projetos de vida alternativos). (PINSKY, 2009, p. 178).

Adriana Piscitelli, ao enfatizar que as reformulações no conceito de gênero baseadas nas críticas aos pressupostos presentes na distinção sexo/gênero, realizadas por autoras como Gayle Rubin, Donna Haraway e Judith Butler, evidencia que estas se baseiam em referenciais teóricos

⁷ Pirotte, Jean. Images et critique historique. In: JADOUILLE, Jean-Louis. **L’histoire au prisme de l’image**. Vol.1.: L’historien et l’image fixe texte. Louvain/BG: Université Catholique de Louvain, 2002, p.32.

⁸ Id. Ibid. p.26

⁹ Pinsky, Carla Bassanezi. Estudos de Gênero e História Social. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 17, n. 1, abr. 2009, p.178.



fortemente influenciados pelo que denominou de “aproximações desconstrutivistas”. Compartilham diversos questionamentos, como a contestação da validade dos modelos que buscam analisar e explicar as transformações históricas, além das abordagens que formulam a diferença como tendo como referência um Outro exógeno. Além disso, trabalham com uma noção pulverizada de poder, bem como valorizam a linguagem e o discurso como “práticas relacionais que produzem e constituem as instituições e os próprios homens, enquanto sujeitos históricos e culturais”¹⁰, compreendendo produção de saber e significação como ato de poder.

Imagens da matéria especial sobre o Brasil, que estampa a capa da *Vanity Fair*, conceituada revista americana, edição de setembro 2007, constituem um bom exemplo. O editorial de 24 páginas, fotografado no Rio de Janeiro, mistura estilistas, modelos, músicos, celebridades, quase-celebridades, *jetsetters* e figurantes. Segundo Eduardo Viveiros, os textos indicam um país com o presidente analfabeto, a população festeira, hedonista e o ambiente sexualizado: "Se o seu objeto de atração está na parte de trás, você só pode imaginar a atenção que está recebendo. Os homens viram e admiram abertamente. As mulheres brasileiras são todas otimistas. E isso dá a elas uma arrogância particular. A independência da mulher brasileira vem diretamente da sua bunda"¹¹.



Figura 1: Da esquerda para a direita, o Brasil sexualizado, festeiro e miscigenado.

Fonte:
http://chic.ig.com.br/materias/448001-448500/448321/448321_1.html.

Essas imagens remetem às formulações de Judith Butler, retomadas por Piscitelli, como a idéia de que gênero poderia ser considerado como um ato, ao mesmo tempo, intencional e *performativo*, “no sentido em que a essência ou identidade que supostamente expressam são construções manufaturadas e sustentadas através de signos corporais e de outros meios”¹². Esta idéia leva a uma outra questão central: “gênero não se constitui de modo coerente ou consistente em

¹⁰ PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: **Poéticas e políticas feministas**. COSTA, Claudia de Lucca e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004, p. 54.

¹¹ Capturado em 03 de julho de 2010. Disponível em <http://chic.ig.com.br/materias/448001-448500/448321/448321_1.html>.

¹² Id. Ibid. p.55.



diversos contextos históricos”¹³ e portanto, seria impossível separar gênero das intersecções políticas e culturais nas quais é produzido e sustentado.

É nessa lógica, a meu ver, que as discussões sobre as relações de gênero têm sentido, como um modo de escapar da filosofia do sujeito e das armadilhas da afirmação das identidades, para entrar num novo campo epistemológico e político, capaz de se abrir para a formulação de novas perguntas e respostas, ou, antes, para criar novos modos de existência (RAGO, 2004, p.38).

Diante da complexidade do mundo contemporâneo, a construção da identidade se dá a partir de uma miscelânea de representações culturais, onde muitas vezes diversidades locais são adotadas e recriadas em produções globais. A heterogeneidade de códigos culturais exige um olhar mais atento, quase arqueológico, na descoberta de tantos significados híbridos entre o gênero e suas inter-relações, bem como no questionamento de identificações aceitas e/ou negadas socialmente, constituídas através das diferentes formas de discursos e representações.

Muitos sociólogos e antropólogos se ocuparam da cultura global ao tratar dos desafios e das implicações paradoxais da modernidade e da pós-modernidade, como Néstor Garcia Canclini e os fluxos assimétricos da cultura global, Stuart Hall e o papel da identidade e da diferença na desconstrução da cultura, Mike Featherstone e a cultura de consumo, além de Arjun Appadurai e as grandes tensões entre estratégias de homogeneização e diferenciação de identidades, que aumentam gradativamente desde as últimas décadas do século XX.

Embora se construa o mito da *americanização* da cultura, ou seja, uma tendência irreversível à homogeneização das práticas culturais ao redor do globo, os processos de globalização são atravessados por inúmeras disjunções e diferenças que tornam o mundo contemporâneo complexo e multifacetado. Para Canclini, todas as culturas são fronteiriças, fluidas, “desterritorializadas”.

As nações se convertem em cenários multideterminados, onde diversos sistemas culturais se interpenetram e se cruzam. Só uma ciência social – para a qual se tornem visíveis a heterogeneidade, a coexistência de vários códigos simbólicos num mesmo grupo e até em um só sujeito, bem como os empréstimos e transações interculturais – será capaz de dizer algo significativo sobre os processos identificadores nesta época de globalização. Hoje a identidade, mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos mesclados de várias culturas. (Canclini, 2000, p.135)

A seguir dois exemplos de identidades étnicas interculturalizadas e consagradas pelo universo da moda:

¹³ Id. Ibid. p.55.



Figura 2: Gisele Bündchen
A supermodelo brasileira mais bem paga pelo mundo da moda fotografada por David LaChapelle, em ensaio homenageando a nação americana.

Fonte: www.cenabaiana.net/childrevolution/archives/c...



Figura 3: Sobrinha de Laden

A sobrinha de Osama bin Laden, o líder da rede terrorista Al-Qaeda e um dos homens mais procurados do mundo, Wafah Dufour, 27 anos, posa para a câmera fotográfica numa sessão destinada às páginas da edição americana da revista "GQ", dedicada ao público masculino.

Fonte: anomalias.weblog.com.pt/arquivo/2006_01.html

Apontamentos de Stuart Hall sobre identidade e diferença na desconstrução da cultura nacional, além da amplitude da migração global versus homogeneização cultural tornam-se questões centrais para um problema contemporâneo discutido também pelo sociólogo Tomaz Tadeu da Silva, especialista em estudos culturais. Não há como caracterizar a produção social da identidade e da diferença sem considerar as conseqüências dos movimentos migratórios ocorridos principalmente a partir da segunda metade do século XX. O movimento literal e concreto de grupos, por obrigação ou opção, tende a desestabilizar e a subverter a tendência da identidade à fixação. Assim como as diásporas, que “colocam em movimento processos de hibridização, sincretismo e crioulização cultural que, forçosamente, transformam, desestabilizam e deslocam as identidades originárias”¹⁴. Para o autor:

Da mesma forma, movimentos migratórios em geral, como os que, nas últimas décadas, por exemplo, deslocaram grandes contingentes populacionais das antigas colônias para as antigas metrópoles, favoreceram processos que afetam tanto as identidades subordinadas quanto as hegemônicas. (Silva, 2000, p.88)

Assim, o movimento entre fronteiras coloca em primeiro plano a instabilidade da identidade, pois cruzar a fronteira, segundo Silva, constitui um acontecimento crítico, onde a teorização cultural contemporânea sobre gênero e sexualidade ganha centralidade, com as teorias feministas e *queer*, questionando, de forma decisiva, oposições binárias (masculino x feminino, heterossexual x

¹⁴ SILVA, Tomaz Tadeu da.(org). A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Stuart Hall, Kathryn Woodward.. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p.88.



homossexual) nas quais se baseiam os processos de fixação das identidades de gênero e sexuais. A seguir mais dois exemplos:



Figura 4: Marinheiros Diesel
Campanha Diesel de 1994: marinheiros homossexuais. Foto participa da exposição “Gay Chic – da subcultura ao mainstream” em 2006, no Museu do Design de Zurique. Fonte: fashionbubbles.wordpress.com/.../

Figura 5: Gênero e sexualidade Identidade, gênero e sexualidade na marca de moda italiana Pinko, que contrata Naomi Campbell para a campanha publicitária de outono-inverno 2007, justificando sua escolha por ser a publicidade considerada um “meio de exprimir sua alma, de elevar sua intensidade, seu ecletismo e sua vontade de experimentar.”. Fonte: <http://tendances.vogue.fr/applications/diaporama/diaporama.php?action=detail&id=149&p=8>



As imagens de moda são ainda fundamentais para se intensificar e aprimorar a percepção das modernidades globais e das fragmentações culturais da vida cotidiana, que podem ser observadas como agentes de novas possibilidades da construção discursiva. Como exemplo, a imagem da última campanha da marca de *jeanswear* Marithé + François Girbaud, resultado de uma parceria com a associação apolítica “Seeds of Peace”, que ajuda jovens de regiões em conflito. A questão geracional garante a constituição performática de identidade:

Figura 6: Marithé + François Girbaud
Jovens militantes pela paz sobre os vestígios da guerra. Fonte: <http://tendances.vogue.fr/applications/diaporama/diaporama.php?action=detail&id=149&p=8>





Considerar o gênero do ponto de vista relacional e contextual – como uma relação entre sujeitos socialmente constituídos em contextos especificáveis – constitui uma abordagem bastante válida para a interpretação de discursos e representações de gênero na cultura de massa contemporânea. Repensar a produção discursiva e reconhecer quais são as práticas que regem a vida marcada pelo gênero é uma questão fundamental para a identificação das (des) construções dessas práticas.

Finalmente, a complexidade da cultura na globalização, bem como o novo *ethos* social da juvenilização estão cada vez mais presentes na comunicação de moda, com todas as tensões que lhe são próprias - capazes tanto de reforçar identidades já cristalizadas ou de reconfigurá-las irônica e contraditoriamente, quanto de serem moldados por elas, num processo dialógico e performático. Nesse sentido, Butler sugere que essas identidades são “expressões do gênero”. Os desafios de uma análise que considere o gênero como meio discursivo e cultural estão postos. Em um cenário multicultural, heterogêneo, transitório e repleto de ambigüidades, discursos e representações podem estar performativamente subvertendo ou pelo menos desestabilizando certos estereótipos do gênero, associados não somente à sexualidade, mas também às questões de geração, etnia/raça, classe social.

Bibliografia

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais e globalização*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.
- MATOS, Marlise. *Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 16, n. 2, ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200003&lng=pt&nrm=iso>. doi: 10.1590/S0104-026X2008000200003. Acesso em 03 jul. 2010.
- NOVELLI, Daniela. *Juventudes e imagens na revista Vogue Brasil (2000-2001)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da UDESC: Florianópolis, 2009. Área de Concentração: História do Tempo Presente.
- OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de Oliveira. Representações da beleza feminina na imprensa: uma leitura a partir das páginas de O Cruzeiro, Cláudia e Nova (1960/1970). In: FUNCK, Susana Bornéo e WIDHOLZER, Nara. *Gênero em discursos da mídia*. Santa Cruz do Sul, RS: EDUNISC, 2005.



- PIROTTE, Jean. Images et critique historique. In: JADOULLE, Jean-Louis. *L'histoire au prisme de l'image*. Vol.1.: L'historien et l'image fixe texte. Louvain/BG: Université Catholique de Louvain, 2002.
- PINSKY, Carla Bassanezi. *Estudos de Gênero e História Social*. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, v. 17, n. 1, abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000100009&lng=pt&nrm=iso>. doi: 10.1590/S0104-026X2009000100009. Acesso em 03 jul. 2010.
- PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: *Poéticas e políticas feministas*. COSTA, Claudia de Lucca e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.
- RAGO, Margareth. Feminismo e subjetividade em tempos pós-modernos. In: *Poéticas e políticas feministas*. COSTA, Claudia de Lucca e SCHMIDT, Simone Pereira (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- SANT'ANNA, Mara Rúbia. *Aparência e poder: novas sociabilidades urbanas, em Florianópolis, de 1950 a 1970*. Tese de doutorado. Florianópolis: UDESC, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da.(org). A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.